

CAPÍTULO 11

PRESERVAÇÃO E VALORIZAÇÃO DOS SAMBAQUIS DE LAGUNA-SC NA PERSPECTIVA DO TURISMO ARQUEOLÓGICO

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/pcultura11>

Geovan Martins Guimarães
Bruna Cataneo Zamparetti
Deisi Scunderlick Eloy de Farias
Francisco Antônio dos Anjos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

O estado de Santa Catarina abriga em seu território diversos tipos de sítios arqueológicos, atraindo o interesse de pesquisadores de várias universidades nacionais e internacionais. Os sambaquis, denominação dos grupos indígenas Tupi para amontoado de conchas, constituem-se um dos tipos de sítios mais estudados. Eles estão distribuídos por toda a costa brasileira, concentram-se principalmente em regiões lagunares e áreas recortadas por baías e ilhas. Esse sítio possui forma monticular e constitui-se basicamente por camadas sucessivas de moluscos intencionalmente arranjadas. Variando bastante de tamanho, os sambaquis, no litoral catarinense, chegaram a alcançar 70m de altura e 500m de diâmetro (DEBLASIS *et al.*, 2007).

Passaram-se milhares de anos e tais sítios arqueológicos ainda hoje integram a paisagem cultural da região sul do estado de Santa Catarina. Nesse longo período de tempo, os sambaquis foram tema de discussões e receberam diversos significados, sendo continuamente (re)significados, conforme os diversos grupos humanos que escolheram esse ambiente para habitar, desde os grupos ceramistas que ocuparam o território sambaqueiro na Pré-História, até os colonizadores europeus que aqui chegaram a partir do século XVI.

Até o início da década de 1960, a destruição deles foi intensa, sobretudo por indústrias de exploração calcária, além da escavação do material para ser utilizado em aterro de estradas e áreas baixas, promovida muitas vezes pelo próprio poder público municipal. Nesse período, foi promulgada a Lei Federal nº 3.924 (BRASIL, 1961), de 26 de julho de 1961, objetivando diminuir a depredação dos sítios arqueológicos, principalmente dos sambaquis, que eram os mais visados pela indústria de cal e prefeituras locais.

Focaremos nossa análise nos sambaquis presentes no município de Laguna, localizado no sul de Santa Catarina, tendo como objetivo apresentar a potencialidade turística desses sítios, que podem ser importantes vetores tanto no desenvolvimento do turismo local quanto na preservação e valorização dos

sambaquis. Localizado na região turística Encantos do Sul, o município de Laguna foi escolhido por possuir atrativos turísticos naturais e culturais, como praias, centro histórico e sítios arqueológicos, que poderão ser integrados na perspectiva do Turismo Arqueológico.

A população de Laguna, de acordo com o último censo demográfico de 2010, era de 51.562 habitantes (IBGE, 2011). A economia de Laguna no meio rural está baseada no cultivo da mandioca, seguida pela cana-de-açúcar e arroz. Em se tratando do setor produtivo primário, no município também se destaca a pesca, em moldes artesanais com a captura de crustáceos e peixes, bem como a pesca industrial, que destina sua produção para ser processado em empresas no município, principalmente na localidade de Cabeçudas. A pesca de crustáceos é realizada, sobretudo, nas lagunas do complexo lagunar (Santo Antônio, Imaruí e Mirim). O município também já foi destaque na carcinicultura (criação de camarão em cativeiro), mas devido a uma patologia que afetou drasticamente o cultivo, a produção entrou em declínio. A economia urbana é bastante diversificada, com destaque para o terceiro setor – serviços, sendo em sua maioria empresas do comércio, empresas prestadoras de serviços e indústrias de transformação.

O Município apresenta importantes elementos do patrimônio histórico e arqueológico, além de manifestações culturais singulares. Seu centro histórico, com mais de 600 prédios protegidos, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na década de 1980.

Laguna é o terceiro núcleo populacional estabelecido no litoral catarinense. Sua data de fundação ainda é uma interrogação¹. Varia entre 1676 e 1684. Nesse período, o vicentista Domingos de Brito Peixoto, rico fazendeiro da Baixada Santista e seus dois filhos, Francisco de Brito Peixoto e Sebastião

1 Segundo Dall’Alba (1979, p. 13), “[...] enquanto diversos autores dão o ano de 1684 como marco de fundação, o próprio Francisco de Brito Peixoto [...]”, em uma petição de 1714, afirma que a fundação se deu em 1676. “Teria sido em 1676 a tentativa fracassada pelo naufrágio da primeira expedição, e a fundação efetiva em 1684 com a nova expedição vinda por terra e por mar” (DALL’ALBA, 1979, p. 13).

de Brito Guerra, chegaram a Laguna, onde se confrontaram com os grupos indígenas da região (DALL'ALBA, 1979; ULYSSÉA, 1956).

O Município foi palco de acontecimentos históricos de grande repercussão. Ocupada por rebeldes adeptos à Revolução Farroupilha, expulsaram os federalistas e declararam a República Juliana, com a ajuda dos revolucionários vindos do estado do Rio Grande do Sul.

Além desse cenário histórico, o Município possui 22 Sambaquis registrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Esses sítios foram intensamente minerados e sofreram desmontes até a década de 80. Ainda hoje sofrem atos depredatórios, tais como: uso para atividades de motocross, gaiolas, jipes, entre outros; descarte inapropriado de lixo; avanço da malha urbana.

Esses sítios arqueológicos passaram por uma gama de significados, foram inicialmente pensados como espaço ritualísticos, posteriormente serviram de acampamento e de ressignificação cultural por outros grupos indígenas que ali passaram, com a chegada do colonizador foram vistos como matéria-prima para a construção de suas vilas e cidades, só recentemente é que surgiu a concepção protetiva e valorosa para com esses espaços.

Contudo, medidas protetivas verticalizadas não foram suficientes para proteção desses sítios, tampouco construíram um sentimento de pertencimento para com esse patrimônio. Diante desse panorama, este capítulo tem como objetivo apresentar o potencial uso turístico desses bens culturais visando a sua preservação. Para tanto, realizou-se a análise dos sistemas turísticos do município, compartimentando o território em subsistemas considerando as particularidades de área, bem como os sítios sambaquis que integram cada espaço. Buscando uma perspectiva mais horizontalizada, nesta proposta, entrevistaram-se turistas e moradores de Laguna, com intuito de diagnosticar seu entendimento sobre o patrimônio arqueológico existente no município, assim como a potencialidade de seu uso como atrativo turístico. Para tanto, utilizaram-se duas estratégias de contato com a população: a primeira com a

aplicação de um formulário de pesquisa com moradores e visitantes; e a segunda através de um resgate da História Oral com moradoras circunvizinhas de um sítio arqueológico. A História Oral, que se constituiu uma metodologia de coleta de dados, foi utilizada porque trabalha diretamente com a memória, seu caráter seletivo, ideologicamente formado, mas também com o reservatório de experiências que são relegados ao esquecimento nas histórias ditas oficiais. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas.

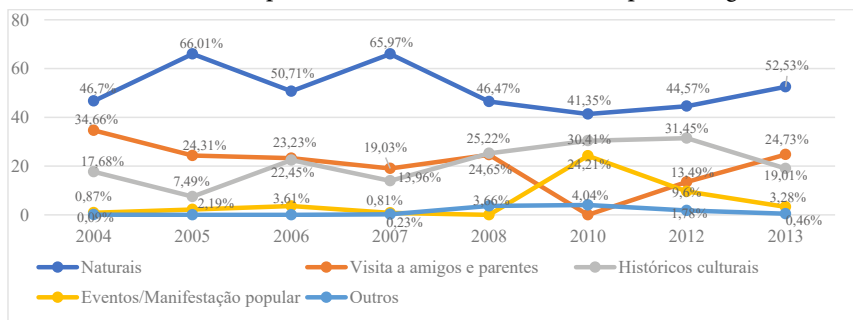
No que tange à atividade turística, o município já apresenta uma receita, segundo dados da Agência de Desenvolvimento do Turismo de Santa Catarina – SANTUR (2008, 2009, 2010, 2012, 2013), que ultrapassa a ordem de 15 milhões de dólares. O maior rendimento foi registrado no ano de 2008, com 308.592.566,40 de dólares. Em 2012, esse valor estimado teve uma redução significativa para 53.097.415,30 de reais², e no ano de 2013, a receita foi estimada em 56.019.933,19 de reais. Os dados também apresentam uma média anual de mais de 300 mil visitantes, com alta representatividade de visitantes estrangeiros (SANTUR, 2008, 2009, 2010, 2012, 2013).

Um dos grandes problemas com que o turismo em Laguna se depara é a sua sazonalidade. O movimento ocorre essencialmente na temporada de verão, causando grande pressão ao ambiente, devido à grande concentração de turista em curto espaço de tempo. Uma das áreas mais disputadas é a Praia do Mar Grosso, localizada próximo a sede do município, devido ao incentivo do poder público – oferece infraestrutura atrativa para o local –, que estimulou a urbanização da área ocupada fundamentalmente durante o período de verão. Trata-se de um adensamento urbano, predominantemente formado por prédios residenciais e casas, é nessa área que se localiza maior parte dos equipamentos turísticos de hospedagem e alimentação. Muitas das residências ficam maior parte do tempo desocupadas durante a baixa temporada, pois é muito forte o turismo de segunda residência no município, um panorama que não contribuiu para o fortalecimento do setor hoteleiro.

2 Entre os anos de 2004 e 2009, a SANTUR realizou a estimativa de receita em dólares; já em 2010 e 2013, os valores foram estimados em reais.

De acordo com os dados da Santur (2008, 2009, 2010, 2012, 2013), entre os principais atrativos do município (gráfico 01), os naturais são os mais citados pelos visitantes. No ano de 2012, representou 44,57% das respostas. Em Laguna, são encontradas diversas praias, de urbanizadas às praias desertas. São elas as principais atrações que motivam a visita. Os atrativos históricos culturais figuram nesse mesmo ano em segundo lugar, foram 31,45%. O município é detentor de importante patrimônio cultural, pouco usufruído, que permitiria colocá-lo como destino cultural de excelência. Embora esse atrativo venha ganhando destaque ao longo dos anos no cenário do turismo da cidade, ainda são necessárias políticas públicas para planejar e gerir o seu desenvolvimento. Outra grande motivação para os visitantes é o fato de poderem visitar amigos e parentes. Em 2009, somaram 13,49%. Eventos e manifestações populares também atraíram visitantes, foram 9,60%, nesse segmento. Um evento bastante conhecido é o carnaval de rua, que atrai visitantes de toda a região e também de outros estados.

Gráfico 1: Principais atrativos turísticos do Município de Laguna



Fonte: Elaborado a partir de dados da Santur (2008, 2009, 2010, 2012, 2013).

Para melhor compreensão do território lagunense, aplicou-se o modelo de análise conhecido como **subsistema territorial turístico**, proposto por Anjos (2004). Nesse modelo, é possível visualizar a inserção dos sítios

arqueológicos nos subsistemas como mais um atrativo turístico, agregando aos atrativos conhecidos das cidades.

O envolvimento da comunidade local é um elemento imprescindível para o desenvolvimento da atividade turística. Butler (1980 *apud* MONTERRUBIO, 2009, p. 106) assegura: “[...] el grado de amabilidad y hostilidad que la comunidad receptora presente es de suma importancia a tal grado de poder determinar la visita o el regreso de turistas al destino”. Nesse sentido, os autores afirmam que a disposição da comunidade local ante o turismo pode definir seu êxito ou fracasso do destino turístico. Pensando nessa perceptiva, buscou-se, também, respaldo na comunidade local e turística do município.

Aplicamos um formulário com perguntas abertas e fechadas com a população local objetivando perceber qual a sua relação com o patrimônio arqueológico, cujo objetivo era compreender se a população e os visitantes possuem interesse pela preservação e pelo desenvolvimento do turismo arqueológico.

Os formulários foram aplicados em duas etapas. A primeira foi realizada na temporada de verão, com visitantes, e a segunda, na baixa temporada, com os moradores. Com os moradores, o formulário foi aplicado no Centro Histórico, onde se encontra um comércio diversificado e os serviços públicos com maior circulação da população e por receber moradores de diferentes localidades.

Após essa análise, realizou-se uma pesquisa através da metodologia da História Oral, com moradoras da comunidade de Cabeçuda, circunvizinha do Sambaqui Cabeçuda 01. Essa parte da pesquisa buscou levantar memórias das entrevistadas para com o sítio em questão, apontando momentos depredatórios dos sítios e ressaltando sentimento de pertencimento para com o mesmo.

O TURISMO ARQUEOLÓGICO EM LAGUNA

O turismo arqueológico é uma vertente do turismo cultural, que utiliza como atrativo turístico os sítios arqueológicos. “El interés que la comunidad mantenga en la protección de sus recursos estará directamente relacionado con la existencia de dichos recursos, y por lo tanto del desarrollo turístico, en tempos futuros” (MONTERRUBIO, 2009, p. 107). A integração da comunidade local no desenvolvimento do turismo é fundamental para uma proposta que priorize a proteção dos recursos, no caso do turismo arqueológico, a promoção do patrimônio arqueológico é uma consequência esperada, porém o estabelecimento de estratégias que garantam a salvaguarda é essencial (GUIMARÃES; ANJOS, 2015). Estudos realizados em locais onde foi constatado o envolvimento da comunidade no processo de planejamento e gestão do turismo arqueológico, os resultados foram positivos na efetividade da preservação (GUIMARÃES *et al.*, 2018).

Manzato (2005 *apud* MANZATO, 2007, p. 4) descreve que:

Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo consiste no deslocamento de visitantes a locais denominados sítios arqueológicos, onde são encontrados os vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pré-históricas ou históricas, passíveis de visitação terrestre e/ou aquática.

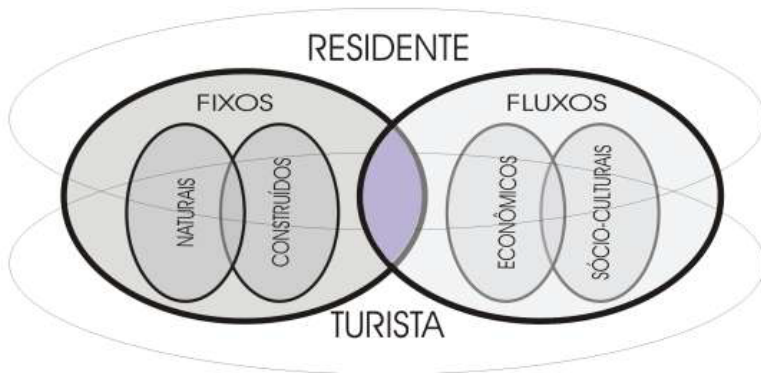
Esse segmento turístico utiliza como atrativo sítios arqueológicos e deverá alcançar alguns aspectos como: a proteção dos recursos; a valorização econômica; a participação da população local; o turismo como ferramenta de conservação e preservação. Diferentemente do comum observado no País, com a maioria dos segmentos turísticos, esse segmento não pode carecer de qualificação. Para um correto desenvolvimento, deverá ser monitorado, nor-teado por um planejamento e que vise ao desenvolvimento de estratégias para o seu fortalecimento.

Com o intuito de entender a dinâmica territorial e turística de Laguna, assim como os sítios arqueológicos ali inseridos, utilizamos como subsídio o modelo de análise do **subsistema territorial turístico** (Figura 1), proposto por Anjos (2004).

Segundo Anjos (2004, p. 156), esse modelo visa a “[...] compreender a dinâmica do sistema territorial turístico, possibilitando o desenvolvimento de um sistema de informação geográfica – SIG que dê suporte aos demais processos, através de atualização permanente dos dados”.

A compreensão do sistema territorial turístico deve considerar as especificidades territoriais de dois subsistemas sociais que o constituem: o subsistema dos residentes e o subsistema dos turistas. Cada subsistema tem alguns interesses convergentes e outros antagônicos. Desta forma, cada subsistema deve ser analisado na sua particularidade e nas suas relações, buscando perceber as especificidades, dinâmicas e sobreposições (de escalas espaciais e temporais) entre os dois subsistemas. (ANJOS, 2004, p. 156).

Figura 1 - Sistema Territorial Turístico



Fonte: Anjos (2004, p. 155).

Segundo Anjos (2004, p. 166), “[...] tais indicadores precisam demonstrar os elementos que limitam ou potencializam o sistema, na mesma direção que os fluxos provenientes destes fixos contribuem ou reduzem as possibilidades de desenvolvimento do sistema”. A compreensão dessa dinâmica auxiliará no processo de planejamento e gestão do território turístico. A seguir, apresentaremos os resultados alcançados com o levantamento dos dados territoriais de Laguna, utilizando a metodologia de análise de subsistema territorial turístico (ANJOS, 2004).

Compartimentou-se o território de Laguna em seis subsistemas, tendo como base o Plano Diretor Municipal – PDM. São estes: subsistema Itapirubá/Praia do Sol, localizado na porção norte do município; subsistema Centro Histórico/Praia do Mar Grosso, na sede urbana de Laguna; subsistema Ponta da Barra/Farol de Santa Marta, região sudeste; subsistema Campos Verdes/Cigana, ao sul; subsistema Ribeirão Pequeno/ Bananal, sudoeste; e subsistema Cabeçadas/Perrixil, noroeste. Essa compartimentação visa integrar locais com dinâmicas territoriais semelhantes. Das seis apresentadas, apenas quatro são subsistemas turísticos.

O **subsistema Itapirubá/Praia do Sol** se localiza na porção nordeste do município, formado principalmente por habitações de veraneio. A ocupação é sazonal, com baixa atividade comercial fora da temporada, trata-se de um território turístico, mas que apresenta recurso turístico limitado. Não há registros de sítios arqueológicos nesse subsistema.

A segunda divisão é o **subsistema Centro Histórico/Praia do Mar Grosso**, esse recorte abrange localidades com dinâmicas diferenciadas, mas no geral é a área onde a atividade turística se realiza de maneira mais intensa no município. Formado pelos bairros Centro Histórico, Mar Grosso, Campo de Fora, Magalhães, Navegantes, Laguna Internacional, Praia do Gi e parte do bairro Progresso. Trata-se do subsistema mais populoso e de maior atividade turística, tanto no turismo de sol e mar (praia do mar grosso e praias adjacentes) como para o turismo cultural, no qual está inserido o Centro Histórico. Com mais de 600 edificações tombadas como patrimônio histórico nacio-

nal, o Centro Histórico possui diferentes estilos arquitetônicos, dentre eles o Colonial, *Art Déco* e Eclético, entre outros. Contudo, este último segmento turístico ainda é incipiente, o local ainda é pouco procurado por turistas, sendo usado predominantemente como espaço de circulação e comercial voltado para os moradores do município. Esse é um ponto bastante positivo, pois, embora concordamos com o grande potencial turístico desse espaço, a população jamais deverá ser expropriada do local, como ocorreu em outros centros históricos apropriados pelo turismo Brasil, a gentrificação do espaço deverá ser atenuada para que o uso conjunto entre residentes e turistas seja possível.

Nesse subsistema se encontram cadastrados três sítios sambaquis, o sítio Laguna I – Morro do Peralta, localizado próximo ao centro da cidade, no bairro Magalhães, a área do sítio foi ocupada, várias casas foram construídas em cima do sítio. No ano de 2008, foi realizada uma pesquisa arqueológica pelo Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia (GRUPEP) da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), onde foram recuperados dois esqueletos que estavam aflorando no acesso de uma das casas. Como resultado dessa pesquisa, atividades de educação patrimonial foram realizadas, como: palestras, exposição na cidade, publicado e distribuído uma cartilha para a rede escolar do município. O sambaqui Caieira está localizado no bairro Campo de Fora, foi pesquisado por Walter Piazza, a data mais antiga encontrada no sítio é de 3.230 AP. Sobre o sítio Magalhães, pouca informação estava disponível, apenas a tradição e o responsável pelo cadastro.

O subsistema Ponta da Barra/Farol de Santa Marta, localizado na porção sudeste do município, integra os bairros: Ponta da Barra, Praia da Tereza, Praia Ypoã, Praia Galheta, Praia Farol de Santa Marta e Praia do Cardoso. O turismo nessa região está relacionado às belezas naturais, a qual oferece locais para atividade de *surf* e trilhas.

Destaca-se também o turismo gastronômico e cultural, principalmente na Praia do Farol de Santa Marta. No local há uma construção histórica conhecida como Farol de Sant Marta. De acordo com Cittadin (2010), em 1890, o Ministério da Marinha iniciou a construção do farol com o objetivo

de auxiliar a navegação na região do Cabo de Santa Marta. O farol ainda está em funcionamento, possui 74 metros de altura, a partir do nível do mar, com alcance de 22 milhas. Essa construção estimulou a ocupação inicial da região, primeiramente por famílias de pescadores e agricultores. Assim como em outras praias do município, a partir da década 70 aconteceu uma ocupação mais intensa por turistas que procuram o local devido à sua paisagem (CITTADIN, 2010, p. 88). A área do Farol de Santa Marta é a mais populosa e com mais infraestruturas turísticas desse subsistema, que abriga uma numerosa quantidade de sítios arqueológicos, são 33 registros de diferentes tipologias, destes, 28 são Sambaquis.

O **subsistema Campos Verdes/Cigana** é formado pelos bairros Passagem da Barra, Campos Verdes e Cigana. Ele está próximo do subsistema Ponta da Barra/Farol de Santa Marta, onde o turismo é desenvolvido com bastante intensidade. Nesse subsistema, o turismo não tem um papel expressivo, o local funciona como uma espécie de corredor de acesso aos atrativos turísticos do subsistema supracitado e pouco se utiliza desse fluxo. Apesar de não ter representatividade significativa no turismo do município, esse subsistema apresenta 20 sítios arqueológicos registrados, destes, 16 são sambaquis.

O subsistema **Ribeirão Pequeno/Bananal** está situado a sudeste do município, a maior parte das comunidades desse subsistema está localizado nas lagoas de Santo Antônio dos Anjos e Santa Marta. Nesse subsistema, não houve desenvolvimento do turismo, principal potencial seria o turismo rural e o turismo ligado à atividade náutica, além do turismo arqueológico. A ocupação dos locais é formada por habitações permanentes. Quanto ao patrimônio arqueológico cadastrado, encontramos o registro de dois sítios, um na comunidade de Ribeirão Pequeno, um sambaqui que está destruído, e na comunidade de Bananal, um sambaqui de pequenas proporções.

O último é o **subsistema Cabeçadas/Perrixil** constituído pelos bairros Cabeçadas, Portinho, Jardim Juliana, São Judas Tadeu, Barbacena, Barranceira, Bentos, Caputera, Perrixil, Estreito e Nova Fazenda. Muitas dessas comunidades formam um grande adensamento urbano do município,

principalmente a região de Cabeçadas e os bairros próximo ao subsistema Centro Histórico/Mar Grosso. Esse subsistema é formado, principalmente, por residências fixas.

Classificamos esse subsistema como turístico, mesmo que essa atividade seja incipiente, principalmente se compararmos a outros subsistemas do município. A região possui alguns equipamentos turísticos. É detentora de um grande atrativo natural, banhado pelas lagoas Santo Antônio, Imaruí e Mirim. O local é propício para prática de esportes náuticos e já recebe alguns praticantes, além de que a orla da lagoa vive um processo mais recente de ocupação por moradores de segunda residência. Fazem parte desse subsistema 17 sítios arqueológicos, destes, nove são sambaquis.

Quadro 1: Sítios Arqueológicos por subsistema turístico

c	Sítio	Data	Descrição	*
Centro Histórico/Mar Grosso	Laguna I - Morro do Peralta	3.550	Sambaqui	2
	Caieira	3.230	Sambaqui	2
	Magalhães	-	Sambaqui	#
Ponta da Barra/Farol de Santa Marta	Canto da Lagoa I	3.370	Sambaqui	2
	Canto da Lagoa II	3.500	Sambaqui	3
	Canto da Lagoa III	-	Sambaqui	3
	Canto da Lagoa IV	-	Sambaqui	#
	Costão do Ilhote de S. Marta	980	Taquara/Itararé	#
	Galheta I	3.090	Sambaqui	3
	Galheta II	4.530	Sambaqui	3
	Galheta III ou do Padre	-	Sambaqui	2
	Galheta IV	1.360	Taquara / Itararé	2
	Sítio Histórico Galheta V	-	Histórico	#
	Polidores Fixos da Galheta	-	Sambaqui	3

Continua...

PATRIMÔNIO CULTURAL, DIREITO E MEIO AMBIENTE:
Arqueologia e Turismo Sustentável (volume IV)

Continuação.

c	Sítio	Data	Descrição	*
Ponta da Barra/Farol de Santa Marta	Ilhote de Ipoã II	-	Sambaqui	#
	Ilhote de Ipoã III	-	Sambaqui	#
	Lagoa dos Bixos I	4.420	Sambaqui	3
	Lagoa dos Bixos II	4.070	Sambaqui	3
	Lagoa dos Bixos III	4.130	Sambaqui	2
	Lagoa dos Bixos IV	-	Sambaqui	#
	Lagoa dos Bixos V	-	Sambaqui	2
	Lagoa dos Bixos V	-	Sambaqui	2
	Lítico do Ipoã III	-	Sambaqui	#
	Morro do Céu	-	Estação lítica	#
	Passagem da Barra	-	Sambaqui	2
	Roseta (Ilhote de Ipoã)	-	Sambaqui	#
	Santa Marta I	3.800	Sambaqui	2
	Santa Marta II	4.340	Sambaqui	1
	Santa Marta III	4.090	Sambaqui	3
	Santa Marta IV	2.530	Sambaqui	2
	Santa Marta V	2.090	Sambaqui	2
	Santa Marta VI	3.510	Sambaqui	1
	Santa Marta VII	-	Sambaqui	1
	Santa Marta VIII	1.710	Sambaqui	#
Santa Marta IX	4.670	Sambaqui	3	
Santa Marta X	5.240	Sambaqui	3	
Fortim do Atalaia	-	Sítio histórico	#	
Campos Verdes/Cigana	Canto da Lagoa I	3370	Sambaqui	2
	Canto da Lagoa II	-	Sambaqui	3
	Canto da Lagoa III	-	Sambaqui	3
	Canto da Lagoa IV	-	Sambaqui	#
	Carniça I	3400	Sambaqui	3
	Carniça II	3.360	Sambaqui	2

Continua...

PATRIMÔNIO CULTURAL, DIREITO E MEIO AMBIENTE:
Arqueologia e Turismo Sustentável (volume IV)

Continuação.

c	Sítio	Data	Descrição	*
Campos Verdes/Cigana	Carnaça III	3.360	Sambaqui	2
	Canto da Lagoa I	3370	Sambaqui	2
	Canto da Lagoa II	-	Sambaqui	3
	Canto da Lagoa III	-	Sambaqui	3
	Canto da Lagoa IV	-	Sambaqui	#
	Carnaça I	3400	Sambaqui	3
	Carnaça II	3.360	Sambaqui	2
	Carnaça III	3.360	Sambaqui	2
	Carnaça IV	-	Sambaqui	2
	Carnaça V	-	Sambaqui	1
	Carnaça VI	3.800	Sambaqui	2
	Carnaça VII	3.510	Sambaqui	#
	Carnaça IX	-	Sambaqui	1
	Carnaça X	2.750	Sambaqui	3
	Sítio Histórico Carnaça VIII	-	Sítio histórico	#
	Km 308	-	Tupiguarani	#
	Madre	-	Sambaqui	#
	Morro do Céu	-	Estação lítica	#
Ribeirão Pequeno/Bananal	Pedra Chata - Bananal	2.040	Sambaqui	2
	Ribeirão Pequeno	2390	Sambaqui	3
Cabeçuda/Perrixil	Barreiros	-	Sambaqui	#
	Bentos I	-	Tupiguarani	#
	Bentos II	-	Tupiguarani	#
	Cabeçuda I	4.180	Sambaqui	2
	Cabeçuda II	-	Sambaqui	2
	Caputera I	-	Sambaqui	#
	Caputera II	-	Sambaqui	#

Continua...

Continuação.

c	Sítio	Data	Descrição	*
Cabeçuda/Perrixil	Estreito I	-	Sambaqui	#
	Estreito II	-	Sambaqui	#
	Estreito III	-	Sambaqui	#
	Km 308	-	Tupiguarani	#
	Mato Alto	-	Tupiguarani	1
	Peixaria	-	Sambaqui	#
	Ponta do Perrixil I	-	Sambaqui	#
	Ponta do Perrixil II	-	Sambaqui	#
	Porteira	-	Sambaqui	#
	SC-LGN-50	-	Tupiguarani	2

Avaliação da integridade (*) do sítio realizada na pesquisa de mestrado de Assunção (2010) no âmbito do projeto Sambaquis e Paisagens, além de estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia (Grupep) da Unisul a partir de 2000. O grau de integridade pode ser descrito da seguinte forma: 1 - Destruído; 2 - Parcialmente preservado; 3 - Bem preservado; e # - Não verificado.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados de campo, bem como de Assunção (2010), Deblasis et. al. (2007), Farias e Kneip (2010) e Kneip, Farias e Deblasis (2018).

Em pelo menos quatro subsistemas foi observado o desenvolvimento efetivo do turismo. A cidade de Laguna possui uma infraestrutura turística básica e recebe visitantes procedentes de diferentes partes do País, além de um público internacional. Inseridos nessa paisagem se encontram os sítios arqueológicos, principalmente os sambaquis, que por sua magnitude e complexidade chamam atenção de residentes e visitantes. Contudo, assim como os demais bens históricos tombados no município, os sítios arqueológicos são pouco aproveitados no desenvolvimento turístico, atualmente focado fundamentalmente no segmento de sol e mar. A cidade de Laguna é procurada principalmente durante a temporada de verão, após o período, sofre uma enorme queda no número de visitantes.

O desenvolvimento de novos segmentos turísticos através de ações planejadas, bem como a gestão eficiente do turismo, poderá contribuir para a minimização dos impactos na sazonalidade da atividade no município.

PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE

Uma vez que o desenvolvimento do turismo deve ser feito de forma planejado, a comunidade circunvizinha dos sítios arqueológicos tem de estar inserida nesse pensar. Para tanto, optou-se por duas estratégias de pesquisa. Através da aplicação de formulários para residentes e turistas em Laguna, buscou-se um resultado quali-quantitativo acerca do conhecimento sobre os patrimônios arqueológicos locais, a potencialidade deles como vetores turísticos. Por fim, utilizando a metodologia da História Oral, foram entrevistadas antigas moradoras da comunidade de Cabeçuda, em Laguna, SC, com o intuito de entender o processo destrutivo do sambaqui Cabeçuda 01, localizado na comunidade, assim como a relação de memória e pertencimento dessas entrevistadas para com o patrimônio em questão.

ENTREVISTA COM MORADORES E TURISTAS

Os formulários de pesquisa foram aplicados com grupos de moradores e visitantes no município de Laguna em duas etapas de campo, ambas desenvolvidas no ano de 2012, em duas áreas distintas: Mar Grosso e Centro Histórico. Na primeira etapa, foram entrevistados os visitantes, e o levantamento ocorreu durante a temporada de verão, período em que a cidade recebe maior número de visitantes, já as áreas escolhidas se deram pelo fato de serem pontos preferenciais de turistas.

As entrevistas com os moradores ocorreram no Centro Histórico, visto ser ele um local de grande circulação de moradores provenientes de várias localidades do município, possibilitando uma amostra mais diversificada.

Foram aplicados um total de 270 formulários de pesquisas, sendo 135 para cada grupo. Os formulários aplicados aos grupos de moradores e visitantes possuíam 20 questões abertas e fechadas, algumas específicas e outras comuns aos dois grupos, conforme o Quadro 2:

Tipo de questões	Moradores	Visitantes
Específicas abertas	Número de membros de sua família? Número de pessoas da família que trabalham em Laguna e fora do município? Quando falamos da história de Laguna, que aspectos devem ser destacados? O que você considera patrimônio histórico, cultural e arqueológico na sua região?	Procedência? Quais os cinco últimos destinos turísticos que você visitou? Qual atrativo fez com que você escolhesse Laguna como destino turístico? Quanto tempo ficará na cidade?
Específicas fechadas	Qual órgão público é responsável pela preservação dos sítios arqueológicos? Você já participou de atividade educativa sobre a pré-história local? Você já visitou algum museu ou exposição sobre a pré-história local? Qual?	É a sua primeira visita ao município? Qual meio de hospedagem está utilizando? Retornaria ao município? Por quê?

Continua...

Continuação.

Tipo de questões	Moradores	Visitantes
Comuns abertas	Idade? Profissão? Escolaridade? O que espera ver em um sítio arqueológico?	
Comuns fechadas	Sexo? Já ouviu falar sobre pré-história e/ou arqueologia do Brasil? Sabe o que é um sítio arqueológico? Já visitou um sítio arqueológico? O município de Laguna possui sítio arqueológico? Você acha interessante visitar um sítio arqueológico? Você considera importante a preservação dos sítios arqueológicos?	

Optou-se por realizar um diagnóstico por perfis distintos, e as respostas foram analisadas entre eles, buscando identificar diferenças em um dado perfil respondente. Criamos dois perfis, averiguamos as diferenças entre as faixas etárias distintas e o grau de escolaridade, tanto para os moradores quanto para os visitantes. O objetivo foi verificar o conhecimento acerca do patrimônio arqueológico regional.

A seguir, serão apresentadas as discussões das entrevistas. Inicialmente, serão apresentados os resultados gerais obtidos nos grupos de visitantes e moradores; posteriormente, por faixa etária e escolaridade.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA ENTREVISTA

Primeiramente, buscou-se conhecer o perfil dos respondentes de cada grupo a fim de visualizar a semelhança/diferença entre os grupos pesqui-

sados em termos de sexo, estado civil e escolaridade. A descrição do perfil dos respondentes é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1: Perfil dos respondentes

MORADORES						
Sexo			Estado Civil			
Masculino: 31%	Feminino: 69%		Solteiro: 58%		Casado: 42%	
Escolaridade						
Fundamental Incompleto: 21%	Funda- mental Comple- to: 23%	Médio Incompleto: 6%	Médio Comple- to: 26%	Superior Incompleto: 9%	Superior Completo: 14%	Pós-gra- duação: 1%
VISITANTES						
Gênero			Estado Civil			
Masculino: 34%	Feminino: 66%		Solteiro: 53%		Casado: 47%	
Escolaridade						
Fundamental Incompleto: 5%	Funda- mental Comple- to: 19%	Médio Incompleto: 1%	Médio Comple- to: 36%	Superior Incompleto: 9%	Superior Completo: 27%	Pós-gra- duação: 3%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Comparativamente, verificou-se que os dois grupos possuem similaridade em termos de sexo e estado civil, mas com considerável diferença no que se refere à escolaridade, em que o grupo de visitantes apresenta um maior grau de instrução.

Verificou-se que os moradores pesquisados são, em sua maioria, solteiros, do sexo feminino, e a escolaridade com maior incidência foram os níveis fundamental incompleto e médio completo. No grupo de visitantes, por

sua vez, mais da metade da amostra é composta de pessoas solteiras, do sexo feminino, com maior incidência de escolaridade entre os níveis médio completo e superior completo.

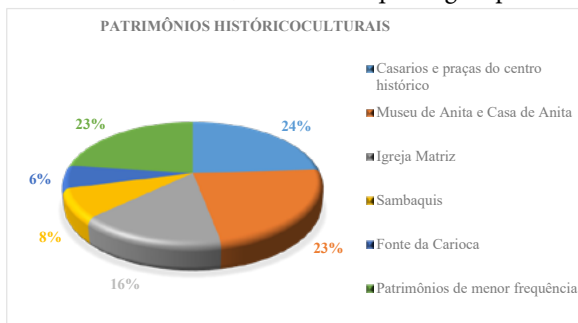
Entre os visitantes, a maioria apresentava idade entre 25 e 30 anos e 41 e 45 anos, apresentando uma média de 44 anos. Dentre os moradores, houve uma distribuição mais homogênea de idade, apresentando uma média de 38 anos.

Após uma análise breve do perfil etário e de formação educacional dos entrevistados, foram analisadas as perguntas voltadas à relação desses entrevistados com o patrimônio cultural do município. Apresentamos, inicialmente, os dados obtidos nas entrevistas com os moradores.

Quando perguntado para os moradores sobre quais aspectos da história de Laguna mereciam destaque, 51% mencionaram a história de Anita Garibaldi, 10% mencionaram aspectos da história da cidade em geral, desde a colonização, como exemplo o Tratado de Tordesilhas. A história da República Juliana foi citada por 6% dos pesquisados, e a preservação da arquitetura e centro histórico por 5%. Entre os pesquisados, 8% não souberam informar qualquer aspecto da história que merecia ser destacado, outros 19% citaram aspectos de menor frequência de respostas. Nota-se que o patrimônio arqueológico pré-histórico não foi citado como merecedor de destaque.

Quanto questionados sobre o que consideravam patrimônio histórico, cultural e arqueológico da cidade, foram obtidos os seguintes indicadores: 24% nomearam a arquitetura, que envolve os casarios e as praças do centro histórico, 23% elegeram o Museu de Anita Garibaldi e a Casa de Anita, 16% consideraram a Igreja Matriz, 8% os Sambaquis e 6% a Fonte da Carioca. Outros 23% citaram os demais patrimônios, que tiveram menor frequência de respostas. Os sítios arqueológicos são vistos, ao menos por 8% dos moradores entrevistados, como patrimônio cultural de Laguna, contudo não são considerados nos aspectos da história da cidade como merecedores de destaque, portanto, há uma desvinculação entre entendimento de patrimônio cultural e história da cidade.

Gráfico 2: Patrimônio histórico, cultural e arqueológico para os moradores



Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerando o conhecimento sobre o órgão responsável pela gestão do patrimônio arqueológico, os resultados se apresentaram heterogêneos: para os moradores, 41% afirmaram ser o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 14% o Instituto de Meio Ambiente de Santa Catarina (IMA), 12% consideraram a Prefeitura Municipal de Laguna, 10% o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e 23% não souberam responder. Um resultado bastante satisfatório, pois, ainda assim, demonstra que a maioria da população sabe que o IPHAN é responsável pela gestão do patrimônio histórico local.

Quando questionamos se haviam visitado algum museu ou exposição sobre a pré-história local, 56% afirmam não ter visitado e 44% responderam que sim, já tinham visitado. Entre os entrevistados que responderam sim, 70% afirmaram ter visitado o Museu de Anita – a instituição possui em seu acervo alguns materiais arqueológicos pré-históricos –, 11% a Casa de Anita, 6% visitaram exposições organizadas pelo Escritório Técnico do Iphan de Laguna, 5% a exposição organizada pelo Grupep/Unisul, outras opções somaram 10%.

Nota-se que apesar de não colocarem como relevantes nem tampouco citarem expressivamente como patrimônio cultural, os bens arqueológicos pré-coloniais são conhecidos devido às ações educativas desenvolvidas por variados agentes focados na preservação do patrimônio arqueológico do município e região.

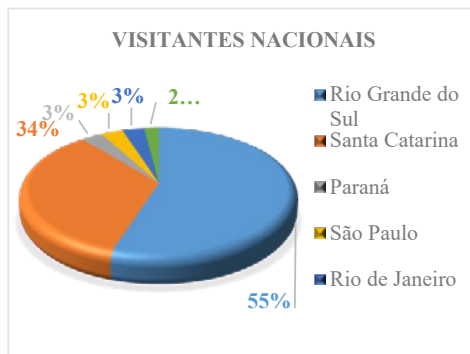
Em se tratando dos visitantes entrevistados, 14% eram turistas procedentes do exterior, de nacionalidade argentina, boliviana e paraguaia (Gráfico 3). Brasileiros somaram 86%, e o maior polo emissor de visitantes foi o estado do Rio Grande do Sul (55%), seguido por 34% de visitantes provenientes de outras cidades catarinenses. Posteriormente, temos os estados do Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo, cada um com 3%, e por último, com 2% da amostra, o estado de Minas Gerais (Gráfico 4).

Gráfico 3: Nacionalidade dos visitantes



Fonte: Elaborado pelos autores.

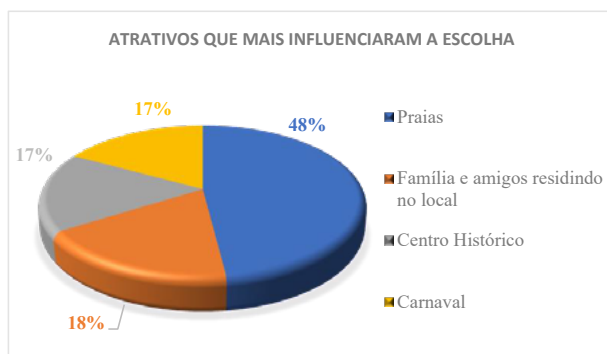
Gráfico 4: Origem dos visitantes nacionais



Fonte: Elaborado pelos autores.

Em relação aos atrativos de Laguna, muitos fatores influenciaram na escolha do município como destino turístico para os respondentes: as praias 48%, Centro Histórico e Carnaval 17%, visita a familiares e amigos residentes na cidade 18%.

Gráfico 5: Atrativos que influenciaram a escolha do destino turístico



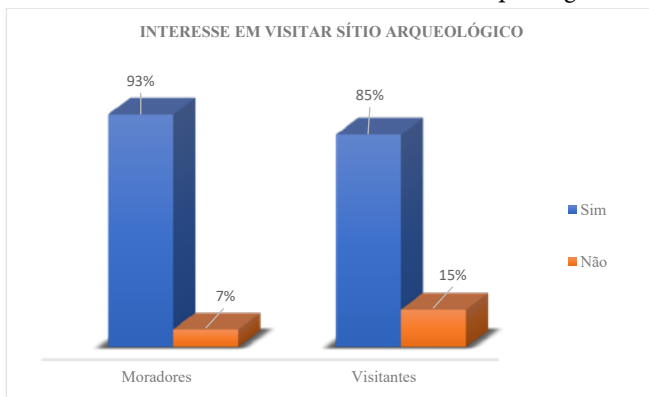
Fonte: Elaborado pelos autores.

Sobre o regresso à cidade, 62% dos visitantes afirmaram que já a haviam visitado antes, entre eles, 55% declararam que já retornaram à cidade de uma a cinco vezes, 16% de seis a dez vezes e 29% mais de dez vezes. Dessa forma, verificamos que a maioria (43%) dos visitantes ficou na cidade entre um e cinco dias, e 35% ficaram entre seis e 10 dias. Outros 23% ficaram mais de 10 dias. Em relação aos resultados, observamos que Laguna conquistou a preferência de uma grande parcela de visitantes, que elegeram a cidade como destino turístico, visitando-a frequentemente.

Os meios de hospedagem mais utilizados são casas de terceiros (25%), casa própria (20%), hotéis (19%), casa alugada (13%), pousadas (6%), *camping* (3%) e 14% afirmaram estar apenas de passagem pelo município. Ainda em relação aos visitantes, 97% deles declararam que voltariam ao município.

As questões abaixo analisadas são comuns a ambos os grupos, moradores e visitantes, portanto, serão apresentadas conjuntamente. Questionamos os grupos de visitantes e moradores se consideravam interessante visitar um sítio arqueológico (Gráfico 6). Como resultado, 7% dos visitantes responderam que não era interessante, 93% responderam que era interessante. Dos moradores, 15% responderam que não seria interessante visitar, 85% afirmaram que achariam interessante a visita. Percebemos que entre os visitantes há uma porcentagem maior de pessoas que consideram interessante a visita.

Gráfico 6: Interesse em visitar um sítio arqueológico



Fonte: Elaborado pelos autores.

Dos entrevistados que haviam respondido afirmativamente, pedimos para avaliarem o grau de interesse em uma escala de 0 a 10. A média da avaliação do grupo visitante foi de 8,2, já para os moradores foi de 8,7. Entre os moradores, percebeu-se um grau de interesse maior, uma diferença de 0,5 em relação aos visitantes.

Com o intuito de perceber mudanças nas respostas por diferentes perfis dos respondentes, realizamos uma análise por faixa etária e grau de escolaridade, tanto para o grupo de moradores quanto para os visitantes.

Inicialmente, pretendíamos apresentar os resultados de seis questões, porém não observamos diferenças significativas nas respostas. Dessa forma, foram excluídas duas questões desta análise, a saber: “Acha interessante visitar um sítio arqueológico?” e “Considera importante a preservação dos sítios arqueológicos?”. Essas questões obtiveram uma porcentagem de respostas afirmativas muito próximas de 100%, com mudanças pouco significativas entre os diferentes perfis de respondentes.

A tabela 2 apresenta as respostas dos moradores e visitantes por faixa etária. A faixa etária na qual se observou maior quantidade de respostas afirmativas foi entre os moradores jovens (12 a 20 anos), com uma diferença de apenas 1% para adultos do mesmo grupo. Em termos gerais, quando comparados os dois grupos, percebemos que as respostas mais satisfatórias por faixa etária foram do grupo de 21 a 60 anos.

Os visitantes, quando questionados se já tinham ouvido falar de pré-história e/ou arqueologia do Brasil, em maior porcentagem (em relação a outras faixas etárias), os respondentes que disseram “sim” eram adultos (21 a 60 anos). Entre os jovens (12 a 20 anos), a maioria respondeu afirmativamente. Dos entrevistados com idade superior a 60 anos, a maioria respondeu não, mostrando desconhecer a temática. Entre os moradores jovens e adultos, os valores foram semelhantes, cuja maioria afirmou ter conhecimento sobre o assunto, inclusive indivíduos com idade superior a 60 anos.

Tabela 2: Respostas dos visitantes e moradores por grupo de faixa etária

VISITANTES					
		Já ouviu falar de pré-história e/ou arqueologia do Brasil?	Sabe o que é um sítio arqueológico?	Já visitou um sítio arqueológico?	Laguna possui sítio arqueológico?
12 a 20 anos	Sim	59%	29%	24%	35%
	Não	41%	71%	76%	41%
	Não sei				24%

Continua...

Continuação.

VISITANTES					
		Já ouviu falar de pré-história e/ou arqueologia do Brasil?	Sabe o que é um sítio arqueológico?	Já visitou um sítio arqueológico?	Laguna possui sítio arqueológico?
21 a 60 anos	Sim	68%	53%	32%	50%
	Não	32%	47%	68%	27%
	Não sei				23%
Mais de 60 anos	Sim	32%	39%	35%	48%
	Não	68%	61%	65%	23%
	Não sei				29%
MORADORES					
		Já ouviu falar de pré-história e/ou arqueologia do Brasil?	Sabe o que é um sítio arqueológico?	Já visitou um sítio arqueológico?	Laguna possui sítio arqueológico?
12 a 20 anos	Sim	72%	39%	45%	22%
	Não	28%	61%	55%	6%
	Não sei				72%
21 a 60 anos	Sim	71%	51%	25%	31%
	Não	29%	49%	75%	9%
	Não sei				60%
Mais de 60 anos	Sim	56%	44%	31%	19%
	Não	44%	56%	69%	25%
	Não sei				56%

*Observações: As porcentagens maiores foram destacadas em negrito.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na segunda questão, quando indagados sobre o que era um sítio arqueológico, em ambos os grupos, a maioria dos indivíduos mais jovens não soube definir. Entre os indivíduos adultos, houve uma distribuição mais homogênea nas respostas; já os idosos, em sua maioria, também responderam negativamente.

Em relação às visitas aos sítios arqueológicos, percebemos que os visitantes com mais de 60 anos foram os que mais visitaram. Já os moradores, a faixa etária entre 12 e 20 anos foi superior em visitas aos sítios arqueológicos.

A maioria dos entrevistados desconhece a existência de sítios arqueológicos no município, inclusive muitos responderam que não havia. Tanto os visitantes quanto os moradores com idades entre 21 e 60 anos foi a faixa etária que mais respondeu afirmativamente sobre a existência de sítios arqueológicos em Laguna.

Quando analisado na perspectiva da categoria escolaridade (Tabela 3), tanto o grupo de visitantes quanto o de moradores apresentaram respostas mais assertivas entre os indivíduos com ensino superior incompleto a pós-graduação, com destaque para os moradores. A primeira pergunta se destinava a diagnosticar o contato entre os entrevistados e o conhecimento relacionado à pré-história e/ou Arqueologia. Observamos que a maioria dos indivíduos com ensino superior incompleto e pós-graduação possuía um conhecimento maior sobre o assunto e que esse número é ainda maior entre os moradores. Os resultados obtidos nas outras questões são muito semelhantes à pergunta anterior.

Quando indagados acerca das visitas a sítios arqueológicos, os visitantes foram superiores em número de visitas. Quando questionados sobre a existência de sítios arqueológicos em Laguna, a maioria dos indivíduos com grau de ensino superior incompleto e pós-graduação respondeu afirmativamente. Mas os indivíduos com ensino fundamental incompleto e completo demonstraram ter mais conhecimento sobre a existência de sítios arqueológicos no município em relação aos indivíduos com ensino médio incompleto e completo.

Tabela 3: Respostas dos visitantes e moradores cluster escolaridade

VISITANTES					
		Já ouviu falar de pré-história e/ou arqueologia do Brasil?	Sabe o que é um sítio arqueológico?	Já visitou um sítio arqueológico?	Laguna possui sítio arqueológico?
Ensino Fundamental incompleto e completo	Sim	51%	30%	24%	27%
	Não	49%	70%	76%	22%
	Não sei				51%
Ensino Médio incompleto e completo	Sim	72%	44%	32%	22%
	Não	28%	56%	68%	6%
	Não sei				72%
Ensino Superior incompleto a pós-graduação	Sim	79%	65%	29%	36%
	Não	21%	35%	71%	8%
	Não sei				56%
MORADORES					
		Já ouviu falar de pré-história e/ou arqueologia do Brasil?	Sabe o que é um sítio arqueológico?	Já visitou um sítio arqueológico?	Laguna possui sítio arqueológico?
Ensino Fundamental incompleto e completo	Sim	26%	25%	22%	31%
	Não	74%	75%	78%	33%
	Não sei				36%
Ensino Médio incompleto e completo	Sim	65%	44%	26%	47%
	Não	35%	56%	74%	32%
	Não sei				21%
Ensino Superior incompleto a pós-graduação	Sim	97%	90%	59%	84%
	Não	3%	10%	41%	9%
	Não sei				7%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Se compararmos os indivíduos com o mesmo grau de escolaridade, os moradores com ensino superior incompleto a pós-graduação apresentaram um resultado mais satisfatório que os indivíduos com o mesmo grau de escolaridade do grupo dos visitantes. Em relação aos outros graus de instrução, os valores das respostas foram mais homogêneos.

Levando em consideração os resultados dos grupos apresentados, poderíamos afirmar que, no primeiro (faixa etária), os indivíduos adultos (21 a 60 anos), independentemente do grupo, em geral, apresentaram maior conhecimento sobre o assunto. No segundo grupo (grau de escolaridade), foram os respondentes com ensino superior incompleto a pós-graduação que se destacaram, demonstrando ter um nível de conhecimento, respondendo de maneira satisfatória às indagações.

O SAMBAQUI CABEÇUDA 01 SOB A ÓTICA DOS MORADORES

Como forma de coleta de dados na busca de compreender a relação existente entre a comunidade circunvizinha e um sambaqui, neste caso o Sambaqui Cabeçuda 01, utilizamos a metodologia da História Oral, que, por sua vez, trabalha diretamente com a memória, seu caráter seletivo ideologicamente formado, mas também com o reservatório de experiências que são relegadas ao esquecimento nas histórias ditas oficiais.

A recuperação da memória popular já proporcionou uma modificação no panorama patrimonial, findando em uma valorização de patrimônios até então invisíveis. Soares (2007, p. 116) expõe a importância da memória como fator de identificação e apropriação patrimonial, sendo que “[...] o resgate da memória deve ser o ponto de partida das ações educativas que visam ao reconhecimento e à apropriação do patrimônio por parte da sociedade”. O patrimônio está ali, constitui o espaço de vivência do grupo que o (re)significa ao longo de sua história, contudo a memória oficial o abafou, cabendo à História Oral identificar esse calar.

Dias e Soares (2008, p. 76) chamam a atenção para a importância da memória como peça fundamental no surgir de identidades e patrimônios.

Mesmo que, muitas vezes, em função desse sistema excludente, a memória das elites tente abafar a dos dominados, buscando sua libertação por sua própria memória. Sua liberdade está ali, o nosso dever é apenas torná-los a percebê-la. (DIAS; SOARES, 2008, p. 76).

Essa importância dada às lembranças faz com que os patrimônios que até então estavam marginalizados se tornem visíveis a partir do ponto de vista do sujeito histórico. A memória coletiva de determinado grupo e sua identificação são os combustíveis para que algo que caracterize o coletivo seja visto, identificado e preservado como um patrimônio.

Buscando esse novo olhar sob o Sambaqui Cabeçada 01, procurou-se na comunidade circunvizinha entrevistar antigos moradores que apresentassem suas memórias acerca da sua relação com o patrimônio arqueológico daquela localidade. As entrevistas foram desenvolvidas com quatro senhoras, entre os meses de maio e junho de 2014. Com o intuito de preservação da identidade das entrevistadas, utilizamos nomenclaturas para designá-las, a saber: entrevistada A – 79 anos, entrevistada B – 93 anos, entrevistada C – 70 anos, entrevistada D-78 anos e entrevistada E – 50 anos.

O mesmo roteiro de entrevista foi aplicado às entrevistadas, e perguntas e informações diferenciadas surgiram no decorrer dos relatos. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas, apresentadas às entrevistadas, que, após esse processo, assinaram os termos de consentimento de seu relato.

No quadro 3, podemos observar o roteiro da entrevista que continha treze questões norteadoras da conversa.

Quadro 3: Roteiro da entrevista desenvolvida com moradoras circunvizinhas do sítio arqueológico

Tipo de questões	Roteiro de questões
Dados sobre os entrevistados	Nome? Idade? Tempo de moradia no Bairro de Cabeçuda, Laguna/SC?
Relação do entrevistado com o Bairro de Cabeçuda, Laguna/SC	Quais as transformações ocorridas no Bairro de Cabeçuda, que você observou desde que veio morar aqui? Você se lembra das caieiras funcionando? Você vivenciou a construção da segunda ponte da ferrovia? Você vivenciou a construção da BR 101?
Relação do entrevistado com o Sambaqui Cabeçuda 01.	Você sabe o que é um sambaqui, quem o construiu? Você sabe que no Bairro de Cabeçuda existe um Sambaqui? O Sambaqui sofreu alterações, mudanças que você recorda? Comente. O que o Sambaqui Cabeçuda 01 significa para você? Acerca do Sambaqui Cabeçuda 01, que recordações você traz na memória? Existe na memória do bairro algum mito, histórias, lendas envolvendo o Sambaqui Cabeçuda 01? O Sambaqui Cabeçuda 01 faz parte do imaginário da comunidade?

Fonte: Elaborado pelos autores.

O Bairro de Cabeçuda, inicialmente uma vila de pescadores e agricultores, possui, de acordo com o censo do IBGE de 2010, 3.700 habitantes. Acredita-se que parte desses dados estaria por englobar a comunidade de Mato Alto e Barranceira.

A localidade era formada principalmente por pescadores, agricultores e trabalhadores da ferrovia. A entrevistada D lembrou que ali “[...] *tinha poucas famílias, a maioria era pescadores, tinha uma família ali ou duas que*

trabalhavam na estrada de ferro, tinha outra aqui que trabalhava na estrada de ferro, e a maioria era pescador, meu pai era pescador e plantava também". O pai da entrevistada B, o Sr. Aparício, foi um dos fundadores do bairro, que além de líder comunitário, dono da indústria caieira – que minerou o Sambaqui Cabeçuda 01 –, era dono de um armazém responsável por abastecer a localidade, também foi um influente político da cidade e região.

O Bairro de Cabeçuda era assim, como na descrição das entrevistadas até pouco tempo atrás, pequeno, rural, interiorano e distante do centro da cidade de Laguna.

Com a construção de BR 101 e a opção pelo tráfego rodoviário em detrimento do ferroviário, aquela comunidade começou a se desenvolver com a abertura de estabelecimentos comerciais que visavam atender tanto os viajantes como os moradores. Outro momento de desenvolvimento do bairro foi a abertura da indústria de pescados, que acarretou a vinda de vários trabalhadores para lá.

Esse crescimento, contudo, avançou para a área do sítio arqueológico. Atualmente, existem muitas residências localizadas em cima do sambaqui. A entrevistada E, 50 anos, apontou a ocupação irregular do Sambaqui Cabeçuda 01 como um dos seus fatores de destruição. *“Bem em cima, isso, por aquela rua ali nem tinha, aquilo era só uns atalhos. Não tinha nada daquilo ali, até eu passei muito tempo sem ir lá, quando eu fui lá me apavorei [...] Não tinha nada daquilo [...] Tudo cheio de casa, fizeram rua, construíram rua lá por detrás da casa da mãe da Erusia”*.

A indignação sobre a ocupação irregular na área do sambaqui é evidente nos relatos orais. Segundo as entrevistadas, as casas devem ter pouco mais de 20 anos no local. Quando foi perguntado à entrevistada A acerca das transformações no bairro, ela nos relatou sobre o crescimento populacional e comercial e alertou como esse crescimento estaria impactando a área do “casqueiro”, *“Pois eu também, aconteceu porque eu passei pelo mar, e vi está tudo diferente, tudo diferente”*.

O Sambaqui Cabeçuda 01 está tão enraizado na história e na memória do bairro que o cerca, que este deve sua nomenclatura ao sítio arqueológico. De forma geral, as entrevistadas relataram que o nome do bairro de Cabeçuda está diretamente ligado à existência do “casqueiro” (como é denominado pela comunidade). Segundo os moradores, o Sambaqui, por sua imponência, assemelhava-se a uma grande cabeça bem na ponta da lagoa, por isso o nome Cabeçuda. Ainda relacionado ao sítio arqueológico, alguns relataram sobre o fato de encontrarem cabeças no sambaqui e daí vir o nome da comunidade. A última história está relacionada à formação geográfica da Ponta de Cabeçuda, que vista por fotos aéreas se assemelhava a uma cabeça.

Em um panorama geral, as entrevistadas se mostraram ligadas de forma afetuosa ao sítio arqueológico, já que o consideravam parte relevante das suas memórias de criança, da vivência no bairro, enfim, da sua história. A entrevistada C ressaltou: *“Pois é, aquilo também não sei como se acabou, era um edifício aquilo ali, era muito bonito, mas nós como criança não né, sei lá, não ligava né, só brincava ali, passava por baixo, era igual um arco do triunfo”*. *“Nós encontrávamos caveira, coisas de braço, osso assim, sempre encontrávamos, diziam assim: OH, ENCONTRAMOS ISSO AQUI. E ninguém dava, criança né, não se estudava”*.

A entrevistada B ressaltou que *“ninguém dava valor”*. A entrevistada C lamentou: *“Eu tenho assim saudade, porque a gente não conservou”*. Ainda sobre a destruição do Sambaqui (Quadro 4), as entrevistadas B e C assim dialogaram.

Quadro 4: Diálogo entre as entrevistadas B e C

Entrevistada B: “É uma pena, né”.

Entrevistada C: “Ah, ele era enorme”.

Entrevistada B: “Era, era, ah, ele começava ali quase perto da estação, é começava dali”.

Entrevistada C: “Hoje, se fosse hoje assim, a gente ia lutar para que ninguém não desmanchasse, para conservar”.

Entrevistada B: “Da prefeitura, não sei, nunca ligaram para cá, nunca ligaram, nunca deram importância para cá. Todo mundo fazia o que queria, papai era o político, era o que mandava, todo mundo respeitava ele, a política tava sempre do lado dele, tava sempre do lado do que achava que era o certo, e era mesmo. [...] Eles faziam comício lá em casa.

Um dos pontos relevantes de todas as entrevistas, que nos mostra a produção simbólica acerca do sambaqui/casqueiro por parte dos entrevistados, foi quando perguntamos o que o sambaqui significava para eles. A resposta a essa indagação foi evidenciada no decorrer dos relatos, quando as entrevistadas demonstraram pesar pela destruição indiscriminada do sítio arqueológico. Para a entrevistada A, o sambaqui, “Quando ele estava né ainda. Era importante, era um ícone do bairro. [...] Era, era, um ícone do bairro”. Para a entrevistada B, o sambaqui é uma lembrança, uma recordação: “Uma recordação que a gente tinha né. Até hoje é, porque a gente não viu e não vai ver nunca vai, é uma recordação, porque ele tava sempre ali. Como diziam era um cartão de visita. Cartão postal”. A entrevistada C disse que “[...]naquele tempo muita gente já vinha lá para ver”. Para a entrevistada D, o sambaqui também é uma lembrança, algo que não volta mais: “Sei lá, uma lembrança assim do passado”.

O Sambaqui era ponto de referência do bairro, local de lazer. Momentos de (re)significação daquele espaço que estão contidos na memória dos moradores mais antigos: A entrevistada C lembrou “[...] de quando nós brincávamos lá, faziam piquenique lá, corria atrás e subia. [...] Brincava, corria, cavava, fazia buraquinho para fazer casinha, dava porque ele era enorme né”. As recordações da Entrevistada E são semelhantes: “Mas eu fui muito com as excursões de escola, a gente foi em excursão da escola, piquenique, fazer piquenique. [...] A gente fez muito piquenique ali. Antes dava, agora já não dá mais, porque agora ali tá cheio de casa, porque antes aquilo ali não tinha casa nenhuma”.

No transcorrer das entrevistas, quando perguntamos sobre a importância de se preservar o sambaqui, houve referência à destruição do local por não existir mais quase sambaqui, sempre pautada na comparação de sua memória acerca da monumentalidade dele. A entrevistada A destacou a importância científica do casqueiro e a relevância histórica de seu relato: *“Sim, porque hoje estais vindo aqui e a gente sabe muita pouca coisa. Bom, daqui há uns anos quem é que vai explicar isso aí? Será que vai haver alguém para contar e para dizer assim, ainda tem o casqueiro ali para mostrar para vocês e não existe mais nada disso”*. Para a entrevistada B, não existe mais o que preservar: *“É que hoje não tem mais nada não né. [...] Ah, não, agora é cada um por si e tá acabado né”*. A entrevistada D destacou a relevância histórica do sítio arqueológico para a comunidade: *“Ah, eu acho né. Eu acho porque assim, sei lá, uma coisa histórica né, ele é histórico. Porque acabar com uma coisa que sempre existiu ali não é bom né. Eu acho que deve ser conservado”*. A entrevistada C mais uma vez lamentou pelo fato de o sambaqui não ter sido preservado: *“Não se estudava, não tem o valor que tem hoje, se fosse no nosso tempo que a gente tivesse consciência, teria conservado, mas não”*.

Essas mulheres vivenciaram os processos de destruição do sítio arqueológico. Durante sua vida, significaram esse sítio, criaram hipóteses acerca de sua existência no bairro, produzindo um imaginário mitológico em torno dele.

A vivência criou laços preservacionistas e saudosistas acerca do Sambaqui Cabeçuda 01, transformando esse local em marco de referência memorial das entrevistadas. Essa vivência, relacionada ao patrimônio arqueológico, gerou processos significativos que hoje podem contribuir para a sua preservação. O Sambaqui Cabeçuda 01 é um patrimônio estimado pela comunidade, que se importa e considera importante a sua preservação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Laguna possui a história testemunhada através de seus sítios arqueológicos, bens imóveis tombados e patrimônio imaterial reconhecido. Contudo, os bens culturais ainda não estão inseridos, não ao menos de forma relevante no planejamento turístico do município. Apesar de o Turismo ser uma das principais atividades econômicas da cidade, a atividade ocorre de forma sazonal, principalmente no período de veraneio. Fora da temporada, a cidade recebe um baixo número de turistas. Outra característica é o turismo de segunda residência, um panorama que não estimula o desenvolvimento do setor hoteleiro

A atividade turística desenvolvida de maneira intensa em apenas um período do ano, provocando uma forte ocupação do território, põe em risco o ecossistema regional, inclusive os sítios arqueológicos que integram a paisagem. Esses sítios, por sua vez, estão constantemente ameaçados pela especulação imobiliária e seu uso indevido para a prática de esportes radicais (*motocross*, *jipeiros*, *sandboard*). A utilização desses espaços como mais um atrativo turístico, desde que feita de forma planejada, poderia contribuir para a sua preservação.

Todavia, pensar o turismo arqueológico envolve um planejamento que integre as comunidades circunvizinhas, desenvolva processualmente atividades de educação patrimonial visando à valorização e preservação desses patrimônios. Tendo como base esses pressupostos, um diagnóstico envolvendo diversos atores acerca da utilização desses patrimônios no turismo é imprescindível. Neste capítulo, apresentamos pesquisas desenvolvidas com moradores e visitantes da cidade. Os resultados nos permitem refletir, ainda que necessitem de maior aprofundamento, sobre alguns subsídios que venham ao encontro do pensar o turismo em sítios arqueológicos, principalmente os sambaquis, como vetor na valorização e preservação.

Constatou-se nas entrevistas que a vinda dos turistas para Laguna é recorrente, sendo a sua permanência na cidade entre cinco e dez dias. A maioria dos turistas respondeu que voltaria novamente ao município e que teria interesse em colocar na sua programação de viagem uma visita a algum sítio arqueológico do município. Muitos desconheciam a existência de sítios arqueológicos no município, o que mostra a baixa promoção desses patrimônios. Diante disso, contata-se que Laguna já possui potencial para o desenvolvimento do turismo arqueológico, entretanto, é necessário divulgar a existência de sítios arqueológicos no município.

Os moradores, por sua vez, sabem da existência dos sítios arqueológicos, mas quando questionados sobre o que consideram um patrimônio histórico, cultural e arqueológico (Gráfico 2), não conseguiram visualizar, ao menos inicialmente, os sítios arqueológicos como um dos momentos históricos do município. Assim como os turistas, os moradores demonstraram interesse na visitação de sítios arqueológicos.

Cabe aqui ressaltar que esses sítios, com enfoque para os Sambaquis, são registros não só da pré-história, mas também do período histórico do município. Estão vivos na memória dos moradores os períodos de desmonte dos sambaquis, os artefatos recorrentes nesse processo, a monumentalidade desses sítios, assim como as mais diversas explicações sobre a existência deles. Esses registros foram aqui apresentados na comunidade circunvizinha do Sambaqui Cabeçuda 01.

No transcorrer dos relatos, notou-se claramente certo pesar pela destruição, por falta de instrução, do sítio arqueológico local. Mas, para essas pessoas, o sambaqui não é visto como um registro arqueológico (produção de um grupo pré-colonial), mas antes como algo oriundo de fatores naturais (tornados, dilúvios). Essa produção fatídica do passado se transformou em um ícone da comunidade de Cabeçuda, algo de sua referência e identidade. O próprio nome da comunidade é, segundo os relatos, atribuído à existência do sambaqui. E é esse sentimento de pertencimento que faz com o sítio seja valoroso para a comunidade e que sua proteção seja reivindicada. A ativida-

de turística poderia contribuir para a valorização, manutenção e preservação desse espaço.

O turismo ocupa uma parcela muito importante no desenvolvimento econômico em nível mundial, o qual pode trazer vários benefícios para a comunidade local desde que seja uma atividade planejada e pensada por e para os diversos atores. O turismo cultural pode ser uma alternativa para fortalecer o turismo no município de Laguna, visto os inúmeros sítios nele existentes.

São vários sítios sambaquis cadastrados no município de Laguna que dispõem de um grande potencial para o turismo arqueológico, mas que carecem de políticas públicas para o desenvolvimento da atividade. Esse segmento deve envolver um planejamento minucioso para que a integridade do patrimônio não seja ameaçada, visto se tratar de um bem cultural frágil. As políticas deverão ser criadas focando na preservação não no sentido de inviabilizar o acesso ao público, mas de utilizá-las de maneira que os impactos negativos sejam minimizados e possibilitem as visitas. O turismo arqueológico deve ser difundindo na comunidade, incrementado a partir de um planejamento e desenvolvido sob uma gestão contínua das atividades, integrando a prática processual de educação patrimonial, bem como a promoção do segmento turístico.

O turismo arqueológico, dentro da perspectiva apresentada, poderá ser uma alternativa para a preservação do patrimônio arqueológico, desde que não comprometa a integridade do local e garanta o acesso às gerações futuras, seguindo o princípio da sustentabilidade. A atividade deve garantir que esse princípio não seja um agente explorador do recurso, mas sim uma ferramenta de sensibilização para que todos cumpram seu papel de protagonistas na preservação dos sítios arqueológicos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE SANTA CATARINA - SANTUR. **Programa de Promoção do Turismo Catarinense.**

Município de Laguna: sinopse de ação: estudos e pesquisas de turismo – estudo da demanda turística – alta estação 2008. Florianópolis: Gerência de Planejamento/Santur, 2008.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE SANTA CATARINA - SANTUR. **Programa de Promoção do Turismo Catarinense.** Município de Laguna: sinopse de ação: estudos e pesquisas de turismo – estudo da demanda turística – alta estação 2009. Florianópolis: Gerência de Planejamento/Santur, 2009.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE SANTA CATARINA - SANTUR. **Programa de Promoção do Turismo Catarinense.** Município de Laguna: sinopse de ação: estudos e pesquisas de turismo – estudo da demanda turística – alta estação 2010. Florianópolis: Gerência de Planejamento/Santur, 2010.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE SANTA CATARINA - SANTUR. **Programa de Promoção do Turismo Catarinense.** Município de Laguna: sinopse de ação: estudos e pesquisas de turismo – estudo da demanda turística – alta estação 2012. Florianópolis: Gerência de Planejamento/Santur, 2012.

AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE SANTA CATARINA - SANTUR. **Programa de Promoção do Turismo Catarinense.** Município de Laguna: sinopse de ação: estudos e pesquisas de turismo – estudo da demanda turística – alta estação 2013. Florianópolis: Gerência de Planejamento/Santur, 2013.

ANJOS, F. A. dos. **Processo de planejamento e gestão de territórios turísticos:** uma proposta sistêmica. 2004. 256 f. Tese (doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2004.

ASSUNÇÃO, D. **Sambaquis da paleolaguna de Santa Marta:** em busca do contexto regional no litoral sul de Santa Catarina. 2010. 146 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2010.

BRASIL. Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 de julho de 1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm. Acesso em: 20 nov. 2015.

CITTADIN, A. P. **Laguna, paisagem e preservação: o patrimônio cultural e natural do município**. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

DALL'ALBA, J. L. **Laguna antes de 1880: documentário**. Curitiba: Lunardeli/UNESC, 1979.

DEBLASIS, P. *et al.* Sambaquis e Paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. *In: Arqueología Suramericana/Arqueologia Sul-Americana*, [s.l.], v. 3, n. 1, p. 29-61, 2007.

DIAS, G.; SOARES, A. L. R. Educação Patrimonial e Educação Popular: um viés possível. *In: SOARES, A. L. R.; KLAMT, S. C. Educação Patrimonial: teoria e prática*. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2008, p. 63-77.

FARIAS, D. S. E.; KNEIP, A. **Panorama Arqueológico de Santa Catarina**. Palhoça: Unisul, 2010.

GUIMARÃES, G. *et al.* Gestão do patrimônio arqueológico e desenvolvimento turístico: ações e propostas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [s.l.], v. 12, p. 47-80, 28 out. 2018.

GUIMARÃES, G. M.; ANJOS, F. A. dos. O turismo arqueológico como segmento turístico. *In: PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. G. dos R. (Eds.). Produtos turísticos e novos segmentos de mercado: planejamento, criação e comercialização*. Barueri: Manole, 2015, p. 209-227.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2010: característica da população e dos domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

KNEIP, A.; FARIAS, D. S.; DEBLASIS, P. Longa duração e territorialidade da ocupação sambaqueira na Laguna de Santa Marta, Santa Catarina. **Revista de Arqueologia**, [s.l.], v. 31, n. 1, p. 25-51, 25 jun. 2018.

MANZATO, F. Turismo arqueológico: diagnóstico e análise do produto arqueoturístico. **Pasos Revista de Turismo e Patrimônio Cultural**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 99-109, 2007.

MONTEERRUBIO, J. C. C. Comunidad Receptora: Elemento esencial en la gestión turística. **Gestión turística**, [s.l.], n. 11, p. 101-111, 2009.

SOARES, A. L. R.; SOUZA, C. S. de; CARDÔZO, L.; ALBARELLO, T. H. A Educação Patrimonial como um instrumento de preservação e democratização da Memória e do Patrimônio nos museus. *In*: CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA - CEOM. **Cadernos do CEOM: Educação Patrimonial**. Chapecó: Unochapecó, 2007, p. 109-134.

ULYSSEÁ, R. **Panorama histórico de Laguna**. Porto Alegre: Santa Terezinha, 1956.